

COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA: O relato de experiência no Conjunto Habitacional Mucajá¹

Ana Paula Vilhena da SILVA²
Brenda Santana GOMES³
Dioni Willian Trindade de LIMA⁴
Gabriela Cristina do Carmo VASCONCELOS⁵
Lana Caroline Santos SILVA⁶
Luiz Felype dos SANTOS⁷
Núbia Paes PACHECO⁸
Renato dos Santos CONCEIÇÃO⁹
Renato Amanajas de ATAYDE¹⁰
Tammyres Reis de SOUSA¹¹
Patrícia Teixeira Azevedo WANDERLEY¹²
Universidade Federal do Amapá, Macapá, AP

RESUMO: Este trabalho é resultado final de uma oficina direcionada a alunos frequentadores de uma escola pública voltada a atender moradores do conjunto habitacional Mucajá e surgiu como parte de quesito avaliativo da disciplina de Laboratório de Comunicação Comunitária, vinculada ao curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá, ministrada pela professora Patrícia Teixeira Azevedo. Portanto, tem por objetivo abordar a comunicação comunitária através do incentivo de elaboração de roteiros, criação de cenas e captura de imagens no ambiente escolar, a partir do entendimento da importância do registro de acontecimentos dentro da sua comunidade. Para isto, fazemos uso dos estudos de Silva (2013) e Carvalhal (2007), a respeito de ações comunitárias, e como ambiente de aplicação, delimitou-se como campo a Escola Estadual Doutor Roberto José Morais de Castro, em Macapá, no Estado do Amapá.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação Comunitária; Escola; Oficina; Mucajá.

¹ Trabalho apresentado no IJ07 – Comunicação, Espaço e Cidadania da Intercom Júnior – XV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Aluna do 5º semestre do curso de jornalismo da UNIFAP. Email: paulavilhena98@gmail.com

³ Aluna do 5º semestre do curso de jornalismo da UNIFAP. Email: brendasantana560@gmail.com

⁴ Aluno do 5º semestre do curso de jornalismo da UNIFAP. Email: dionitlima@gmail.com

⁵ Aluna do 5º semestre do curso de jornalismo da UNIFAP. Email: gabrieladocarmo08.12.95@gmail.com

⁶ Aluna do 5º semestre do curso de jornalismo da UNIFAP. Email: carolana99@bol.com.br

⁷ Aluno do 5º semestre do curso de jornalismo da UNIFAP. Email: santos_luiz@outlook.com

⁸ Aluna do 5º semestre do curso de jornalismo da UNIFAP. Email: nubiasindy@gmail.com

⁹ Aluno do 5º semestre do curso de jornalismo da UNIFAP. Email: renatoknoud@hotmail.com

¹⁰ Aluno do 5º semestre do curso de jornalismo da UNIFAP. Email: renatoatayde@gmail.com

¹¹ Aluna do 5º semestre do curso de jornalismo da UNIFAP. Email: myressousa16@gmail.com

¹² Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da UNIFAP, e-mail: patryciateixeira@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda a comunicação comunitária no ambiente escolar à luz dos estudos de Isabele Lopes da Silva e Antônio Carvalhal. No ensaio de Carvalhal intitulado *Comunicação comunitária: Uma revisão dos conceitos fundamentais*, o autor fala sobre a comunicação comunitária no Brasil. Por outro lado, SILVA (2013) nos faz refletir sobre a comunicação comunitária no âmbito escolar e aborda o aprimoramento do uso das tecnologias no processo comunicacional deste ambiente.

O cruzamento dos estudos destes dois autores nos possibilitou analisar o papel da comunicação como mecanismo de desenvolvimento das comunidades, mecanismo este que Carvalhal (2007) chama de “validação da democracia na comunicação das camadas sociais excluídas da grande mídia”. A partir da compreensão destes fenômenos comunicacionais, podemos aplicá-los no espaço escolar, promovendo o debate desta comunidade acerca da forma como a comunicação é construída neste ambiente.

É importante destacar que os ambientes que mais ocorrem vivências são a escola, pois os alunos passam anos de suas vidas dedicando-se a ela, sendo o primeiro ambiente em que se inserem na comunidade. Dessa forma, esse artigo surge com a proposta de apresentar um breve estudo, através de práticas adotadas utilizando a comunicação comunitária em oficinas de audiovisual e fotografia na Escola Estadual DR. Roberto José Morais de Castro.

Ao apresentar essa forma de comunicação ao público, busca-se atingir a comunidade escolar (alunos, professores, diretores, pedagogos e comunidade em geral), além do ambiente familiar dos participantes. Rego (2003) aponta que a família e a escola dividem as funções sociais, políticas e educacionais, conforme colaboram e influenciam a formação do indivíduo. Nesse sentido, o estudo apresentado no período de aula ajuda na promoção da comunicação e educação.

Este trabalho visa incentivar a produção de atividades que incluam a elaboração de roteiros, criação de cenas e captura de imagens, tendo como base a comunicação comunitária escolar, podendo ser desenvolvido com equipamentos básicos e viáveis, como o próprio celular, que é um aparelho presente na vida de grande parte da população mundial. O propósito, portanto, é trazer os estudos efetuados, de forma detalhada, com a apresentação dos recursos utilizados, etapas, locais, meios e estruturas, através de oficinas de fotografia e vídeo.

A comunicação comunitária é um processo fundamental na vida das pessoas, através dela cria-se elos afetivos, além da obtenção de valores como o respeito, a união, compaixão, formação crítica enquanto cidadãos, empatia e outros. Desta forma questiona-se: Como é feito o processo de comunicação comunitária no ambiente escolar, com alunos oriundos de conjuntos habitacionais?

Para responder à pergunta norteadora, apresentaremos no decorrer do escopo deste artigo as observações encontradas durante a aplicação das aulas presenciais.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O objetivo da comunicação comunitária é servir às comunidades, identificando e transmitindo seus interesses. Para isso, as ferramentas de comunicação devem ser adaptadas de modo que sejam assertivas para a realidade do público em questão.

Pensar em comunicação comunitária é, também, valorizar as culturas e tradições locais e o contexto em que as comunidades estão inseridas. No entanto, para que haja legitimidade, a comunidade precisa-se mobilizar para desenvolver as estratégias em conjunto com os profissionais de comunicação, a fim de garantir maior envolvimento dos moradores.

Porém, é pertinente a preocupação em torno dos veículos que realmente tentam fazer uma comunicação efetivamente comunitária, onde através de suas mensagens a população possa se sentir viva, existente, já que muitas vezes as localidades que possuem um canal comunitário são excluídos não só pela sociedade mas também pela mídia. E são nessas comunidades que o trabalho dos comunicadores deve se fazer mais presente, já que a comunicação social não é apenas um processo de informar, ela faz parte da construção do espaço social. (CARVALHAL, 2007, p. 09).

E para que as estratégias de comunicação comunitária sejam relevantes, elas devem evidenciar a cultura local por meio de um trabalho criativo e, sobretudo, de muita vontade – dos comunicadores – em contar histórias com o intuito de incentivar a participação dos moradores na solução dos problemas específicos.

E se a relevância sempre está onde está o conhecimento, nosso lugar de observação é outro. Precisamos humanizar os processos e pensar nas relações e conexões entre organizações e pessoas. Por isso, foco da comunicação está em solucionar problemas dos indivíduos.

No cenário atual da comunicação, em que a mudança é a nova constante, as organizações precisam de assertividade para se conectarem a seus públicos por meio da relevância do conteúdo. O objetivo da comunicação comunitária é criar condições para a participação e manter os atores sociais engajados em suas causas. Afinal, este é um meio de coordenar e organizar as iniciativas.

A concepção de Comunicação Comunitária começou a ser pensada no Brasil desde os anos 70 e se caracteriza por divulgar assuntos específicos das comunidades, priorizando a participação direta das pessoas do próprio lugar, veiculando produções das pessoas da comunidade, sem ter finalidades lucrativas. Grosso modo pode/deve ser feita „pelo povo e para o povo. Tal forma de comunicação social pode constituir-se em uma alternativa para as comunidades estarem inseridas democraticamente no mundo da informação, inclusive no ciberespaço - esse novo mundo virtual. (SILVA, 2013, p. 02).

A comunicação comunitária ou mobilizadora deve ser entendida como uma coordenação de ações, e não como um instrumento de controle de ações. O grande desafio da comunicação, ao mobilizar, é tocar a emoção das pessoas, sem manipulá-las para que ela não seja autoritária e nem imposta. É importante dizer que a participação é sempre algo a ser construído e recriado, no âmbito das práticas culturais.

Portanto, o planejamento da ação comunicativa deve existir no sentido de permitir a tomada de posições a respeito de questões críticas e estratégias e de motivar, associar e integrar os diversos públicos através da criação, da manutenção e do fortalecimento dos vínculos de cada público com as comunidades.

Considerando a comunicação comunitária como o processo de produção de experiências comunicativas, portanto uma prática social, desenvolvido no âmbito de uma comunidade com vistas à conquista da cidadania, através de práticas participativas, e possibilitando aos indivíduos interagentes a construção de uma nova sociabilidade, admitimos que essa modalidade de prática comunicativa participa de maneira significativa no processo de disputa pela hegemonia no campo da comunicação. (MIANI, 2006, p. 229).

Os meios de comunicação não constituem apenas uma atividade econômica. Ao contrário, são instituições vitais nas democracias liberais. É através deles que se constrói o espaço público onde a liberdade de expressão individual é exercida e se forma a opinião pública. Esse espaço público abriga, por definição, a pluralidade e diversidade de vozes

que existem na sociedade, vale dizer, não pode ser controlado por monopólio ou oligopólio.

As comunidades surgem através da identificação de grupos com temas e aspectos comuns que os distinguem. Portanto, cabe aqui reconhecer que quando se fala de comunidade no Brasil, quase sempre nos remetemos a espaços de moradia das populações pobres, que em sua origem tinham espaço encontrado no meio rural, mas que hoje são encontrados nas regiões periféricas do espaço urbano de acordo com Souza (2004). O que faz com que comunidades se unam é a identificação de interesses em comum, em geral necessidades e busca de melhorias.

Quando se fala em comunicação popular, parece claro, à primeira vista, que se trata de uma comunicação do povo. Mas o adjetivo ‘popular’ abrange uma multiplicidade de significados diferentes, sendo consensual apenas que tem a ver com ‘povo’. Assim, é da definição de ‘povo’ que se parte para explicitar o que é ‘popular’, embora essa categoria encerre a mesma problemática, podendo ser compreendida de várias maneiras (PERUZZO, 2004, p. 116)

É importante também expor o sentido etimológico da palavra comunicação, do latim *communicationem* (a ação de tornar comum), com sua raiz na palavra comum, *communis*, que significa “pertence a todos ou muitos”. Assim, podemos afirmar que o surgimento dos monopólios e oligopólios dos meios de comunicação, são um contra senso na construção e aplicação do real significado do que é comunicação, e que o surgimento da Comunicação Comunitária, vem para pôr em prática seu real significado.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para a realização deste estudo, o grupo decidiu optar pela Escola Estadual Dr. Roberto José, pois 90% dos alunos vivem na Comunidade do Mucajá, localizado no bairro Beírol, na zona Sul de Macapá. A comunidade citada sofre com preconceito da população com a estipulação de estereótipos, pois à mesma é conhecida pelo estereótipo de que ‘todos são bandidos’.

O conjunto foi inaugurado em 2011, através de recursos do Plano de Aceleração do Crescimento (PAC). No entanto, há uma discussão sobre a utilização correta desses recursos, levantada pelos moradores, que segundo eles, deveriam ser entregues ao

habitacional para ser investido em cidadania e projetos sociais para a população e manutenção dele.

A partir disto, nas oficinas ministradas, o objetivo foi mostrar aos alunos uma nova perspectiva de seu conjunto, usando audiovisual e a fotografia, para que eles aprendessem sobre os conteúdos ministrados e tivessem uma nova visão sobre seu bairro e escola.

A escolha da turma do 4º ano se deu pela coordenadora da escola, pelo fato das crianças já possuírem uma certa experiência com o meio que seria utilizado para as oficinas, no caso, o telefone celular. O processo durou quatro dias, sendo um dia de aula teórica para cada oficina e outro dia de aula prática, também, para cada oficina, somando então quatro dias. As aulas duraram cerca de duas horas, tanto prática, quanto teórica. Ao todo, 30 alunos participaram das oficinas ministradas. Nesse processo, foram divididos dois grupos, cada um com cinco acadêmicos para cada oficina, totalizando dez, ao todo.

Na primeira reunião feita com a coordenadora da escola, foi perceptível a felicidade de ter as oficinas com as crianças, pois há falta de investimento na escola em projetos deste porte. Então surgiu a oportunidade em parceria com os professores, em falar a respeito da comunidade na qual as crianças vivem através das oficinas ministradas.

Em dias pré-definidos houve a realização de oficinas de vídeo, enfatizando os conceitos de Telejornalismo como off, passagem e sonora, e, logo em seguida houve a prática em que a turma do 4º ano do ensino fundamental foi dividida em grupos para a realização de atividades sobre o conhecimento adquirido durante as oficinas. A sensação de gratidão e alegria ficou transparente no rosto das crianças, pois foi notório que as aulas na escola são restritas à sala, concluindo, portanto, que não há quaisquer atividades práticas de outras vertentes, além da Educação Física.

Durante a segunda oficina, de fotografia, ministrada em determinados dias, foi realizada uma aula explicativa sobre Introdução à Fotografia, de uma maneira simples e compacta para o melhor entendimento das crianças. O objetivo desta oficina foi mostrar, às crianças, o que o Mucajá significa para cada um, e em vista disso a ferramenta principal para os registros dos alunos foi o celular, por ser um instrumento mais acessível para todos. Após a aula, os alunos foram divididos em grupos e executaram as tarefas ditas pelos idealizadores das oficinas. As fotografias capturadas pelos alunos mostram como eles veem o conjunto, a percepção de cada um sobre seu local de moradia.

Diante da pesquisa de campo realizada na escola, foi possível perceber que as oficinas ministradas pelos acadêmicos, trouxeram tanto para a direção da escola quanto

para os alunos, uma visão diferente na área da comunicação, permitindo o contato com fotojornalismo e audiovisual que é comum nesta área de trabalho, no entanto, desconhecida pelas crianças. Apesar de viverem na era digital observamos que a maioria dos alunos não sabia utilizar as ferramentas que para muitos é básica do cotidiano, como por exemplo, ferramentas fotográficas do celular, ajustar foco, nitidez e limpeza da lente.

Outras dificuldades encontradas na realização da pesquisa foram à falta de infraestrutura do local, devido à escola estar em processo de reforma, os alunos foram remanejados para o anexo que fica localizado na igreja São Pedro no bairro Beiril. Diante disto, os alunos gravaram em frente à igreja, que tem o espaço reduzido em comparação à estrutura da escola.

No primeiro momento, algumas crianças apresentaram falta de habilidade com o material trabalhado, pois, em suas aulas não são adotados esses tipos de atividades, e não são comuns ao ambiente familiar. Pela falta de infraestrutura de materiais, os vídeos apresentaram inicialmente baixa qualidade, porém no decorrer das práticas das oficinas, houve melhora significativa na produção do trabalho.

A felicidade dos alunos ao ver o trabalho concluído e divulgado na sala de aula, foi nítida, o sentimento de satisfação e dever cumprido tomou conta das crianças, isso tornou a pesquisa satisfatória e emocionante para os envolvidos. Os professores e coordenadores da escola que tiveram acesso ao trabalho de seus alunos, se sentiram satisfeitos com o progresso das atividades, pois as crianças não tinham acesso aos materiais e conteúdo que foram repassados.

A conclusão das atividades e exposição do material apresentado mostra que o projeto das oficinas atingiu os objetivos não somente da comunicação comunitária, mas também da educação, pois os alunos envolvidos puderam apresentar na prática tudo o que foi ensinado, assim, o desenvolver dessas oficinas poderão e servirão de modelo comunitário e escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para que a comunicação comunitária alcance os seus objetivos, é fundamental que seja desenvolvida dentro do seu ambiente, e mais importante ainda, é que nesse desenvolvimento os participantes possam interagir diretamente com o objeto apresentado, sendo possível a real vivência do que está sendo proposto no momento.

É importante destacarmos que as ações adotadas dentro da Escola Estadual DR. Roberto José Morais de Castro, que atende ao público do conjunto habitacional Mucajá, foi desenvolvida de forma eficaz, pois, o meio escolar facilita o processo de aprendizagem, já que os alunos se desprendem do meio familiar, e passam a se integrar a escola. Nesse caso, as ações adotadas são facilitadas pela forma que os alunos veem a figura do professor, ou responsável à frente das atividades propostas, no entanto, não facilita o desenvolvimento do trabalho, pois, o desenvolver, depende do empenho de cada aluno, isto é, nem todos aprendem da mesma forma, e requer atenção.

Quando abordamos o termo comunitário ou comunitária, automaticamente somos direcionados ao pensamento de bairro, rua, moradias, mas na verdade esses termos possuem significados amplos, ou seja, engloba todos os lugares que estamos inseridos em sociedade. A escola é um dos principais meios sociais, é nela que os alunos passam anos de suas vidas, constroem e desenvolvem valores como respeito, empatia, solidariedade, compaixão e outros. Além de um ambiente de interação, é o principal meio de conhecimento, e que refletirá na vida futura desses alunos, por isso é fundamental que seja justa e democrática, e quando levamos para dentro da sala de aula assuntos que visam a melhoria em comunidade através da comunicação, exercitamos não só nosso papel como cidadãos, mas incutimos essa identificação nos participantes das oficinas. Identificação com o pertencimento do bairro e a vontade de buscar democratizar as informações do mesmo.

As oficinas ofertadas visaram muito mais que ensinar a prática do audiovisual e fotografia, elas buscaram ofertar o conhecimento da comunicação comunitária, para que essas crianças tivessem capacidade de registrar dentro de sua comunidade tudo o que for necessário, indo desde os momentos familiares, aos problemas e boas ações da comunidade.

Neste sentido, concluímos que a Comunicação Comunitária se faz necessária, em um processo de aprendizagem com as crianças, no caso do estudo realizado através das oficinas e que ainda que exista este processo muito precoce por parte das crianças, o uso das ferramentas tecnológicas, está aquém de um processo satisfatório, para a aplicação através da Comunicação Comunitária. A absorção do conteúdo das oficinas de audiovisual, embora em um tempo muito curto, mostrou certa habilidade por parte das crianças, conforme identificado no resultado prático das oficinas. Ainda assim, para se fazer um trabalho que pudesse preparar estas crianças para a realização e efetivação de

um projeto mais aprofundado de Comunicação Comunitária, seja ele através das redes sociais, ou mesmo através de amostras de suas produções pelas oficinas propostas e realizadas, seria necessário mais tempo para cada oficina.

Identificamos, que alguns alunos, conseguiram desenvolver, através de interesse despertado nas oficinas, produções melhores que os outros, o que aponta para a necessidade de aprofundamento deste trabalho, no caso de interesse em ampliar o resultado deste estudo na comunidade a qual a escola pertence e seu entorno.

REFERÊNCIAS

CARVALHAL, Antônio. **Comunicação Comunitária: Uma visão dos conceitos fundamentais.** Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – SANTOS 29 de agosto a 2 de setembro de 2007. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1357-1.pdf>. Acesso em: 20 de jun. 2019.

MIANI, Rozinaldo. Comunicação Popular. In: GADINI, Sergio Luiz, WOITOWICZ, Karina Janz. **Noções Básicas de Folkcomunicação.** Ponta Grossa: Editora UEPG, 2006).

REGO, T. C. **Memórias da Escola: Cultura Escolar e Constituição de Singularidade.** Petrópolis, RJ: vozes, 2003.

SILVA, Isabelle Lopes da; MASTELLA, Veronice. **A comunicação comunitária no espaço escolar: uma pesquisa-ação em escola pública de Cruz Alta.** XV Seminário Internacional de Educação no Mercosul – UNICRUZ 7 a 10 de maio de 2013.

Disponível em: <https://home.unicruz.edu.br/mercosul/pagina/anais/2013/EDUCACAO%20E%20DESENVOLVIMENTO%20HUMANO/ARTIGOS/A%20COMUNICACAO%20COMUNITARIA%20NO%20ESPACO%20ESCOLAR.PDF>. Acesso em: 26 de jun. 2019.

SOUZA, Maria Luiza de. **Desenvolvimento de comunidade e participação.** São Paulo: Editora Cortez, 2004.

PERUZZO, Cicília Maria Krohling. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania.** Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

APÊNDICES



Figura 1- Apresentação teórica Oficina de Audiovisual. Fonte: Acadêmicos



Figura 2- Aula prática de Roteiro e Imagem. Fonte: Acadêmicos



Figura 3- Aula Teórica de Fotografia. Fonte: Acadêmicos



Figura 4- Aula Prática de Fotografia. Fonte: Acadêmicos